FOLHA DE S. PAULO / SÁBADO, 12 de setembro 1987

O DIÁRIO DE BORDO

Fotos Remate de Males/IEL/Unicamp

"Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente." Oswald de Andrade (1890-1954)

A Ex Libris e o Instituto de Artes Moreira Salles lançam o fac-símile do diário da "garçonnière" de Oswald de Andrade

ANTONIO CANDIDO

Quem leu as memórias de Oswald de Andrade, "Um Homem Sem Profissão", ficou sabendo que em 1918, com a situação em casa já atrapalhada, ele alugou um apartamento para receber mulheres e amigos, uma "garçonnière", como se dizia, na rua Líbero Badaró. Nele, abriu-se uma espécie de registro, do tipo "livro em branco", anunciado pelas papelarias, formato grande, grossa capa preta cartonada, 200 páginas numeradas a máquina, desses usados para registros em cartório, atas, apontamentos comerciais. Cada amigo que ia lá podia escrever alguma coisa que viesse à cabeça, encadeando-a frequentemente com a deixa da nota precedente: coisas internas do grupo, coisas externas da cidade, gozações, máximas pitorescas, trocadilhos, divagações, desenhos, além da colagem de recortes. Um verdadeiro diário de bordo, intitulado por um dos frequentadores "O Perfeito Cozinheiro das Almas deste Mundo". Na parte final das memórias, Oswald aproveitou alguma coisa do que escreveu, transcrevendo, ampliando, tomando como esteio da narrativa. Creio que então já se sentia cansado e, em vez de elaborar mais discursivamente as recordações, como fez até certa altura do livro, passou a transcrever notas diretamente. Foi aí que o cadernão ajudou.

A editora Ex Libris está lançando dele uma edição fac-similar, a primeira, que é verdadeiro prodígio gráfico, reproduzindo exatamente o amarelado do tempo, as manchas, os recortes colados, os rabiscos soltos, a cor das tintas de escrever: roxo, verde, vermelho. "Há um sinal de grampo enferrujado na página 57", diz Oswald nas memórias. Pois o leitor poderá vê-lo tal e qual nesta edição, que além do mais é amparada e esclarecida por estudos de dois profundos oswaldianos, Mário da Silva Brito e Haroldo de Campos.

Tanto quanto lembro, Oswald de Andrade sempre usou cadernos, não apenas para notas e reflexões, mas para esboçar e redigir as narrativas e os poemas. Inclusive cadernos do tipo desse "livro em branco". Em todos é constante o talhe da letra meio garranchosa, dando a impressão inicial de pouco legível, mas de fato perfeitamente clara na sua irregularidade regular de caligrafia vertical. Mas esse diário de bordo é dele apenas em parte, porque todos os do grupo escreviam, inclusive a moça com quem tinha no momento um caso amoroso, apelidada Ciclone, "com acento na primeira sílaba", esclarece nas memórias. Em torno dela girava meio enamorado um bando de rapazes, alguns dos quais também

Ciclone em 1917, à dir., com quem Oswald casou-se pouco antes de ela morrer

ficariam famosos: Guilherme de Almeida, Menotti del Picchia, Leo Vaz, Vicente Rao. Todos a celebram, lamentam a sua ausência, fazem alusões sentimentais e alegres, resultando um texto entrecortado que vai da piada à retórica, com alguma filosofice jocosa, o gosto pelo jogo de palavras e muita ingenuidade pelo meio. Do ponto de vista visual, o conjunto é uma festa.

Ciclone era uma figura singular de moça liberta, em choque com os costumes e a família. Doente, acabou morrendo tuberculosa pouco depois, não antes de Oswald, num gesto cavalheiresco e generoso, muito seu, ter casado com ela praticamente em artigo de morte, sepultando-a, quando chegou a hora, no jazigo de sua família. A "garçonnière", que acabou nessa altura, ficava por perto do Hotel Carlton, do Café Paraventi, do Bar Franciscano. Tudo isso evaporou, mas ela, graças ao diário de bordo, ficará "intacta, suspensa no ar", como o quarto do poeta na Lapa carioca.

Muita coisa registrada pelos frequentadores já parece menção sem objeto claro, pois aí também o tempo comeu. O famoso usurário será para o leitor de agora um nome vago, em vez da figura real que viveu tanto tempo entrincheirada no seu antro. A burrice de Fulano, a solenidade vazia de Beltrano serão mera referência descarnada. Poucos poderão, inclusive, apreciar direito uma curiosa montagem verbal de Oswald, assimilando o lugar distante para onde fôra a namorada ao misterioso (para nós) Tipperary de uma canção inglesa de guerra, ainda popular nos anos de 20:

It's a long way to Tipperary,
It's a long way to go,
It's a long way to Tipperary,
To the sweetest girl I know.

Mas de um modo ou de outro, tudo compõe com encanto a atmosfera daquele universo provinciano em mudança. Na São Paulo de uns 500 mil habitantes, a "garçonnière" não é só o refúgio cerrado, mas também um eco do mundo. É o lugar de onde podemos observar os tipos e fatos da cidade, as viagens ao interior, o movimento das artes, —tudo parecendo girar em torno do ambiente criado pela sociabilidade imperiosa de Oswald, homem que não sabia ficar só e precisava dos outros para se estimular, rir, brigar, passar o tempo, como se a falta de convívio fosse o próprio mal, o vazio insuportável da privação. Ele vivia convidando para a sua casa e correndo para a dos amigos, pendurado no telefone, consultando, sugerindo, movimentando. Neste sentido, esse diário de bordo é um signo do seu modo de ser, porque reúne as pessoas, leva todos a pensar e escrever em comum, a não isolar-se, nem ante a aventura amorosa de Oswald e Ciclone, presenciada e comentada pelos amigos. De fora chega o rumor da cidade, tão viva na obra de Oswald, que sabia modular a autonomia da escrita e o registro da realidade, praticado de maneira escrupulosa e paciente. Por isso, São Paulo está incrustada na sua obra muito mais do que se diz.

Um dia, pela altura de 1950, ele foi à nossa casa, situada no encontro de Aclimação, Cambuci e Glória. Na saída eu o acompanhei, para ajudá-lo a pegar um táxi. Atravessamos a rua Pires da Mota e entramos na Conselheiro Furtado. Era uma tarde fresca, azul e sossegada, como ainda havia naquele tempo. Oswald explicava com detalhes alguma coisa sobre a sua obra. Ouvindo, eu olhava o renque de casinhas baixas, encardidas. E de repente me pareceu estar numa rua de romance dele, "Condenados" ou "Estrela de Absinto", vogando na ficção junto com o autor, que seria ao mesmo tempo um dos seus personagens. Foi apenas um segundo, durante o qual senti, sem poder explicar, que estávamos ambos no mundo da sua narrativa. Mas não disse nada. O táxi passou, ele subiu e foi embora. A sensação permaneceu em mim como lembrança, e estou certo de que, no leitor interessado apenas em fruir, permanecerá também a sensação de ter penetrado na atmosfera fechada e aberta da "garçonnière", que o diário de bordo construiu acima do tempo e esta edição impecável revela setenta anos depois.

ANTONIO CANDIDO DE MELLO E SOUZA, 69, crítico e ensaísta, é professor aposentado de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo (USP), e autor, entre outros livros, de "Formação da Literatura Brasileira" e "Os Parceiros do Rio Bonito".

O elo perdido do Modernismo

NELSON ASCHER
Crítico da Folha

A publicação, numa magnífica edição fac-similar, de "O Perfeito Cozinheiro das Almas deste Mundo... — Diário coletivo da garçonnière de Oswald de Andrade — São Paulo, 1918" [pronuncia-se Oswáldi], com textos de Mário da Silva Brito e Haroldo de Campos e transcrição de Jorge Schwartz, não é apenas uma proeza editorial da Ex-Libris, mas também a prova de que, 65 anos após a Semana de Arte Moderna, o modernismo alcançou finalmente a dignidade e as honras de um fenômeno cultural merecedor de luxo e de história. O livro é, além disso, o principal documento da pré-história do movimento e reconstitui os elos perdidos entre a vida pregressa de Oswald e sua obra posterior.

Conforme explicita Mário da Silva Brito em seu texto, o diário foi composto por Oswald e seus amigos entre 30 de maio e 12 de setembro de 1919 [leia texto de Haroldo de Campos na contracapa deste encarte], na "garçonnière" do futuro autor de "Memórias Sentimentais de João Miramar", na r. Líbero Badaró, 67, 3º andar, sala 2. O diário compõe-se de virtualmente tudo: observações esparsas, recados, bilhetes, cartas, caricaturas, recortes etc. e, a rigor, como observa o historiador do modernismo, é "precursor de várias obras que, graficamente, tentam inovar as formas de comunicação".

A personagem central, verdadeira alma do diário e musa da "garçonnière" é uma jovem normalista, Deisi (D. Maria de Lourdes Castro de Andrade, conforme seu obituário), amante de Oswald, idolatrada pelos frequentadores da "garçonnière", dona dos segredos de uma vida misteriosa que gerava curiosidade e angústia em seu Miramar (que é como Oswald já se assinava então). Precursora real de todas as musas modernas e modernistas, bem como vínculo entre elas e a "mulher-fatal" do fim-do-século, Deisi morreu precocemente, com dezenove anos, em agosto de 1918, devido a um aborto que lhe infeccionara o útero, logo extirpado numa operação que não conseguiu evitar a infecção dos pulmões.

O livro, que será lançado na quinta-feira, entre 18h30 e 21h30 no Masp, é resultado de um longo trabalho de Frederico Nasser, editor da Ex Libris e responsável pelo projeto gráfico. Com essa publicação fecha-se um ciclo na história da cultura brasileira, em cuja circulação entra, consagrada e finalmente, a criação mais marginal de um movimento marginalizado durante quase meio século.

O PERFEITO COZINHEIRO DAS ALMAS DESTE MUNDO... — Diário coletivo da garçonnière de Oswald de Andrade — São Paulo, 1918. Edição fac-similar. Ex-Libris, Cz$ 9.000,00. Tiragem: 3.000 exemplares. Apoio cultural: Instituto de Artes Moreira Salles, Brasil Warrant Administração de Bens e Empresas, Cia. Brasileira de Metalurgia e Mineração — CBMM e Unibanco.

Leia texto de Haroldo de Campos sobre Miss Ciclone em **Primeira Leitura**, nesta edição.

Editoria de Arte

PARA CONHECER MELHOR OSWALD

OBRAS COMPLETAS

Obras Completas de Oswald de Andrade editadas pela Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1971-1976.

1. OS CONDENADOS (Alma/ A Estrela de Abismo/ A Escada) — Romances.

2. MEMÓRIAS SENTIMENTAIS DE JOÃO MIRAMAR/ SERAFIM PONTE GRANDE — Romances.

3. MARCO ZERO: I — A Revolução Melancólica — Romance.

4. MARCO ZERO: II — Chão — Romance.

5. PONTA DE LANÇA — Polêmica.

6. DO PAU—BRASIL À ANTROPOLOGIA E ÀS UTOPIAS — (Manifesto da Poesia Pau-Brasil/Manifesto Antropófago/ Meu Testamento/ A Arcádia e a Inconfidência/ A Crise da Filosofia Messiânica/ Um Aspecto Antropofágico da Cultura Brasileira: O Homem Cordial/ A Marcha das Utopias) — Manifestos, teses de concursos e ensaios.

7. POESIAS REUNIDAS O. ANDRADE (Pau-Brasil/ Caderno do Aluno de Poesia/ e outras) — Poesias.

8. TEATRO (A Morta/ O Rei da Vela/ Homem e o Cavalo) — Teatro.

9. UM HOMEM SEM PROFISSÃO: Sob as Ordens de Mamãe — Memórias e Confissões.

10. TELEFONEMAS — Crônica e Polêmicas.

11. ESPARSOS.

ARTIGOS

"GALERIA DOS ANTROPÓFAGOS"
de Tarsila do Amaral.
Antropofagia, Rio de Janeiro, 29.8.1929.

"PAU BRASIL E ANTROPOFAGIA"
de Tarsila do Amaral.
Diário de S. Paulo, São Paulo, 4.1.1951.

"OSWALD DE ANDRADE"
de Mário de Andrade.
Revista do Brasil, São Paulo, 9 (105), set/dez. 1924.

"SERAFIM PONTE GRANDE, CAPITALISTA"
de Oswald de Andrade Filho.
A Tribuna, Santos, 19.8.1972.

"OSWALD DE ANDRADE: ENTRE A POLÍTICA E A ARTE"
de Maria Eugenia Boaventura.
Folha de S. Paulo, São Paulo, 4.11.1984. Folhetim.

"MESTRE OSWALD QUASE LLYA"
de Jorge Amado.
O Imparcial, Salvador, 28.12.1943.

"OS PRIMEIROS ROMANCES MODERNISTAS"
de Tristão de Athayde.
Folha de S. Paulo, São Paulo, 21.11.1960.

"OSWALD DE ANDRADE SERAFIM PONTE GRANDE"
de Manuel Bandeira.
Literatura, Rio de Janeiro, 5.8.1933.

"OS POEMAS DE OSWALD DE ANDRADE"
de Roger Bastide.
O Jornal, Rio de Janeiro, 14.4.1945.

"OSWÁLD, OSWALDO, ÔSWALD"
de Antonio Candido.
Folha de S. Paulo, São Paulo, 21.3.1982.

LIVROS

ÂNGULO E HORIZONTE (DE OSWALD DE ANDRADE À FICÇÃO CIENTÍFICA)
de Mário da Silva Brito.
São Paulo, Livraria Martins, 1969.

TRÊS LINHAS QUATRO VERDADES - O JORNALISMO DE OSWALD DE ANDRADE
de Vera Chalmers.
São Paulo, Duas Cidades, 1976.

OSWALD CANIBAL
de Benedito Nunes.
São Paulo, Perspectiva, 1979.

PALHAÇO DA BURGUESIA — SERAFIM PONTE GRANDE DE OSWALD DE ANDRADE E SUAS RELAÇÕES COM O UNIVERSO DO LIVRO
de Maria Augusta Fonseca.
São Paulo, Editora Poli, 1979.

OSWALD DE ANDRADE - O HOMEM QUE COMO
de Maria Augusta Fonseca.
São Paulo, Editora Brasiliense, 1972.

VIDA E MORTE DA ANTROPOFAGIA
de Raul Bopp.
Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.

PANORAMA DA POESIA BRASILEIRA: O MODERNISMO
de Mário da Silva Brito.
Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1959.

OSWALD DE ANDRADE. TRECHOS ESCOLHIDOS
de Haroldo de Campos.
Rio de Janeiro, Agir, 1967.

BLAISE CENDRARS NO BRASIL E OS MODERNISTAS
de Aracy Amaral.
São Paulo, Martins, 1970.

A VANGUARDA ANTROPOFÁGICA
de Maria Eugenia Boaventura.
São Paulo, Ática, 1985.

Bibliografia fornecida por Maria Augusta Fonseca, mestrado sobre Oswald de Andrade em 1978.